

QUEIMANDO SUTIÃS: O CORPO COMO DISCURSO E ACONTECIMENTO

Elizete de Souza Bernardes
Vanice M. Oliveira Sargentini

Universidade Federal de São Carlos

Resumo: O presente artigo tem como perspectiva teórica a Análise do discurso francesa (AD), em congruência com a Semiologia Histórica, que nos permite olhar para o objeto da AD enquanto um objeto não apenas verbal, mas, sobretudo, semiológico e de dimensão histórica. Como objeto de análise, partimos de uma observação que circulou na mídia, na qual o *corpo* apresentava-se como o “suporte” da materialidade linguística, bem como, se construía como o próprio discurso. Em uma visada de análise do texto misto, no qual não se separa o verbal do não-verbal, encontraremos, nos anos 70, um enunciado que, em 2013, retorna e se atualiza, a saber: “O meu corpo me pertence!” Dois acontecimentos, separados por, mais ou menos, 40 anos que se entrelaçam, formando uma rede interdiscursiva e provocando um *efeito de memória* (COURTINE, 2009). A partir desses dois episódios, nos questionamos: Como o corpo se torna objeto do discurso em enunciados que circulam na sociedade? Para tanto, lançamos mão de alguns aportes teóricos da AD, tais como: enunciado (FOUCAULT, 1986), acontecimento discursivo e trajeto temático (GUILHAUMOU e MALDIDIER, 1994). Dessa perspectiva, procuraremos analisar quais são os enunciados que se repetem, se transformam e refutam outros enunciados. Enfim, buscaremos refletir como o *corpo* é o próprio discurso em enunciados que circulam, atual e historicamente.

Palavras-chave: Análise do discurso francesa; Semiologia Histórica; Corpo-discurso.

Résumé: En ayant brûlé les soutiens-gorges: Le corps comme discours et événement. Cet article est écrit du point de vue de l'Analyse du discours française (AD), en concertation avec la sémiologie historique, qui nous permet de regarder à l'objet de l'AD comme un objet non seulement verbale, mais, surtout, sémiologique et de dimension historique. Pour objet de l'analyse, nous commençons par une observation qui a circulé dans les médias, dans lequel le corps a été présenté comme le "soutien" de la matérialité linguistique et le corps est construite comme le discours lui-même. Dans une analyse du texte mixte, où le verbale et non verbale ne pas séparer, nous trouvons, dans les années 70, une déclaration que, en 2013, retour et mises à jour, à savoir: "Mon corps m'appartient" Deux événements séparés par plus ou moins 40 années s'entremêlent, formant un réseau interdiscursif et provoquant un effet de mémoire (COURTINE, 2009). De ces deux épisodes, nous nous demandons: Comment le corps devient un objet de discours dans les états qui circulent dans la société? Pour finir, nous avons utilisé certaines concepts théoriques, comme énoncé (Foucault, 1986), événement discursif et trajet thématique (Guilhaumou et Maldidier, 1994). De ce point de vue, essayer d'analyser quels sont les énoncés qui se répètent, se transforment et réfutent

autres énoncés. Enfin , nous allons chercher à refléter comme le corps est il même le discours en énoncés qui sont actuelles et historiques en circulation.

Mots-clés: Analyse du discours française; Sémiologie historique; Corps-discours.

O corpo no discurso. O discurso no corpo.

“O meu corpo é minha propriedade ...”¹: essa é parte da inscrição feita em seu corpo, por uma tunisiana, Amina Tyler, ameaçada de morte após esse episódio. Na imagem, a moça apresenta-se com os seios à mostra, com um cigarro na mão, lendo um livro, maquiada e usando batom vermelho. Seus olhos não se dirigem diretamente a nós. Sua expressão não é de atenção àquele que a olha. Despida, mostra-se à vontade, vestida pelas palavras inscritas em seu corpo e exprime segurança na firmeza de seu gesto. Mais que a materialidade linguística, o próprio corpo da mulher já é um discurso: o corpo é encarado, assim, enquanto um lugar de inscrição da história, como sugere Courtine (2011a).

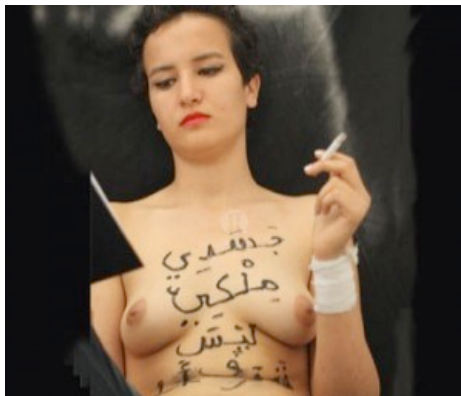


Figura 1 – Amina Tyler¹

Essa imagem, vista como um enunciado, em um sentido foucaultiano (que não está restrito à linguagem verbal), ganhou destaque em vários meios de comunicação no mundo inteiro.

¹ No corpo da tunisiana, lemos na íntegra: “Foda-se sua moralidade” e “Meu corpo é minha propriedade e não é a honra de ninguém”. Tradução do árabe para o português feita pela Folha de São Paulo, em 19 de abril de 2003. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/104625-meu-corpo-me-pertence.shtml>. Acesso em: 11 jun 2013.

O conjunto da obra, longe de ser um elemento neutro e transparente, resgata algo que diz antes e alhures e que faz o sentido ecoar no tempo presente. Um enunciado que faz ressoar uma *memória* e ao mesmo tempo em que há esse resgate, há também uma atualização.

Se voltarmos para os nos 70, com efeito, encontraremos o seguinte enunciado: “Nosso corpo nos pertence”, dito por um grupo feminista e que naquela época clamava pela liberdade do corpo feminino. Dois acontecimentos, separados por mais ou menos 40 anos, que na relação interdiscursiva se cruzam e criam a possibilidade de atualização, provocando um *efeito de memória* (COURTINE, 2009).

A partir desses dois episódios, tomados aqui como acontecimentos discursivos que se inter-relacionam, nos questionamos: Quais os efeitos de sentidos que se produzem em cada momento? Como o corpo se torna objeto do discurso em enunciados que circulam na sociedade? Quais as mutações discursivas de um acontecimento a outro? Em outros termos, o que entra em um regime de (des)continuidade histórica nesses dois recortes?

Para tentarmos responder a essas questões, mobilizaremos alguns conceitos, tais como: enunciado (FOUCAULT, 1986), acontecimento discursivo, e trajeto temático (GUILHAUMOU e MALDIDIER, 1994). As reflexões sobre o que se tem denominado de *Semiologia Histórica*, nos parece salutar para essa análise, haja vista que a AD permite trabalhar com os efeitos de sentido do discurso, a partir da materialidade semiológica, considerando o sujeito historicamente construído e a história, enquanto construída pelos discursos e constituidora de discursos.

Dessa perspectiva, procuraremos analisar quais são os efeitos de memória que se repetem, se modificam, se adaptam, se opõem e transformam os enunciados, conforme estudos propostos por M. Foucault (1986). Ademais, buscaremos refletir como o *corpo* é o próprio (efeito do) discurso em enunciados que circulam, atual e historicamente.

AD em diálogo com a Semiologia Histórica

Em um breve percurso pelos caminhos trilhados pela AD, notamos alguns deslocamentos teórico-metodológicos. Com efeito, em um exercício de pensar sobre sua própria obra e percurso, M. Pêcheux (1990) avalia que seus estudos se organizam em três épocas²: a primeira, com a *Análise Automática do Discurso*, que parte de uma lógica matemática e lexical para se chegar ao processo discursivo, pretendendo, de forma central, inter-relacioná-lo com a ideologia, os sujeitos e o quadro sócio-histórico; a segunda época delineia alguma relativização de conceitos anteriores e, assim, um “afrouxamento” teórico-metodológico. Na terceira fase, por fim, há um redirecionamento das reflexões que embasavam a AD.

Nessa terceira época, Michel Pêcheux se debruçará, por exemplo, para a análise de um enunciado ordinário (*on a gagné*) em seu livro, de 1983, *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Esse período marca a ampliação do olhar dos analistas do discurso sobre os seus objetos, visto que, na análise, Pêcheux revela que as discursividades integram tanto uma estrutura quanto um acontecimento. *On a gagné*, um grito que surgiu no campo de futebol, ganhou as ruas quando da eleição política do então presidente, em 1981. A partir desse deslocamento operado pela análise de um enunciado ordinário, abre-se espaço para que as formulações cotidianas pudessem fazer parte dos *corpora* em AD.

² A construção da disciplina nessas três fases, pode ser lida no texto escrito por Pêcheux em 1983: PÊCHEUX, M. A AD: três épocas. In.: GADET, F. e HAK, F. (org). *Por uma análise automática do discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Pontes, 1990.

A imagem, por exemplo, ganha destaque nessa terceira época. Na apresentação feita por Pêcheux, em 1983, intitulado *Papel da Memória*³, o conferencista comenta que: “A questão da imagem encontra [...] outro viés: não mais a imagem legível na transparência, porque um discurso a atravessa e a constitui, mas a imagem opaca e muda, aquela da qual a memória ‘perdeu o trajeto de leitura’” (PÊCHEUX, 2010, p.55).

Seguindo a trilha da AD, em direção a um alargamento do objeto de análise, a imagem, a sonoridade, o comportamento, as práticas não discursivas também entraram no foco das pesquisas nesta área. Não se tratava de esquecer o enunciado linguístico, mas, sobretudo, era preciso estar atentos às demais materialidades que acompanhavam o linguístico. O objeto de estudo da disciplina é, pois, *semiológico*: assim como o enunciado linguístico é assinalado por uma historicidade discursiva, os objetos *semiológicos* não estão dissociados da história.

A *Semiologia Histórica* (COURTINE, 2011b), então, se apresenta como um caminho a se desenhar na análise de enunciados em “todos os seus registros” (FOUCAULT, 1986). Os gestos de leituras, na contemporaneidade, deverão dar conta de todas as multimodalidades semiológicas presentes na mídia, nos *sites* virtuais, na televisão. Uma inscrição linguística é acompanhada de outros *signos*, como o corpo, os seios nus, a maquiagem, tal como observamos na Figura 1. Enfim, como lembra Jean-Jacques Courtine (op. cit., p.150): “os discursos estão imbricados em práticas não-verbais, o verbo não pode mais ser dissociado do corpo e do gesto, a expressão pela linguagem conjuga-se com aquela do rosto, de modo que não podemos mais separar linguagem e imagem”. Essas materialidades semiológicas – que extravasam o plano verbal – entram numa rede interdiscursiva. Suas condições de produção estão historicamente assinaladas.

³ PÊCHEUX, M. O papel da memória. In: ACHARD, P. *O papel da memória*. Campinas: Pontes, 2010. Na tradução para o português, o título do livro coincide com o título da fala de Pêcheux na Mesa Redonda “Linguagem e sociedade”, realizada na Escola Normal Superior de Paris em abril de 1983.

O conceito de condições de produção, com efeito, sofreu alguns deslocamentos no quadro teórico da AD. Ao articular a história com o discurso, Courtine (2009) propõe pensar as condições de produção longe de ser um pano de fundo, um contexto, uma teatralidade, tampouco um “ringue de boxe”, numa perspectiva de um confronto interindividual. Para Courtine (2009), essas duas perspectivas apagam a densidade histórica dos enunciados, ou seja, tanto em um combate, quanto em um mero contexto da situação, os enunciados não seriam atravessados e constituídos pela história, mas apenas “personagens” nesses cenários.

Ao refletir sobre o conceito de condições de produção, Courtine (2009, p. 86) retoma o conceito foucaultiano de *enunciado*. Esse teria quatro propriedades: (i) está ligado a um referencial; (ii) mantém com um sujeito uma relação determinada; (iii) tem um domínio associado; (iv) apresenta uma existência material. Compreendido dessa forma, o conceito de enunciado possibilita-nos analisar as condições de emergência e de dizibilidade envolvidas na produção dos discursos, auxilia-nos a avaliar a rede de discursos que estão no entorno dos enunciados, além de apresentar-nos as diversas formas de materialidade verbo-visual que compõem os enunciados.

Feitas essas considerações preliminares no campo em que este texto se inscreve, passemos para a análise que aqui propomos.

E elas queimam o sutiã...: o corpo como lugar do acontecimento

Nosso corpo nos pertence!” Eis o grito que ecoava entre as mulheres que, no começo dos anos de 1970, protestavam contra as leis que interditavam o aborto, pouco tempo antes que os movimentos homossexuais retomassem o mesmo *slogan*. O discurso e as estruturas estavam comprometidos com o poder, enquanto o corpo estava ao lado das categorias oprimidas e marginalizadas da sociedade: as minorias de raça, de classe ou de gênero pensavam ter somente seu corpo para se oporem ao discurso do poder e à linguagem, ambos instrumentos de silenciamento do corpo. (COURTINE,

2006, p. 8-9 *apud* SARGENTINI *et al.*, 2009, p. 13).

O enunciado “Nosso corpo nos pertence!” surgiu na década de 70, com os movimentos feministas, que reclamavam uma autonomia em relação aos seus corpos, especialmente com relação à maternidade e proibição da prática do aborto. Em outras palavras, o enunciado se inscrevia em determinadas condições de produção nas quais as interdições para o aborto discursivizavam práticas a respeito do corpo feminino, que era o próprio objeto, sujeito à vigilância e punição de uma ordem vinda do *outro* (e não das próprias mulheres).

Em 2013, uma tunisiana escreve em seu próprio corpo: “o meu corpo é minha propriedade”, parafraseando o primeiro enunciado. Contudo, o enunciado alarga as reivindicações feitas *com o corpo e pelo corpo*. Este se torna discurso (i) contra a violência doméstica; (ii) diz respeito também ao modo das mulheres se vestirem (“de saia ou burca, o meu corpo não tem nada a ver com você!” – diz um dos enunciados das feministas dos dias atuais); (iii) além de impor-se como instrumento para a legalização do aborto.

Há nesses dois momentos, cujo foco é o corpo, uma memória que se atualiza. Nos anos 70, a categoria das mulheres, em conjunto, se encontra no pronome “nosso”, marcando uma totalização da subjetividade feminina. O grito atual, destacado pelo pronome “meu” (o *meu* corpo *me* pertence!), marca uma subjetividade individualizante. Com efeito, ainda que haja esse movimento de atualização de uma memória discursiva, os efeitos dessa ecoam. Há, em certa medida, rupturas (ou ampliação dos discursos que atravessam o enunciado) e continuidades discursivas com o momento anterior.

Observamos, deste modo, que a base *repetível*, assinalada na formulação linguística – com algumas diferenças frente ao emprego dos pronomes, no plural e no singular – se torna única em cada momento e, portanto, *irrepetível*. Para cada ocorrência do enunciado, encontramos o que é possível se dizer, as condições históricas que permitem as enunciabilidades, o “conjunto das regras que

caracterizam uma prática discursiva” (FOUCAULT, 1986, p. 147). Por essa razão, nessas duas temporalidades do movimento feminista, o mesmo enunciado toma proporções diferentes por implicar condições de produção distintas.

Por conseguinte, a noção de *acontecimento discursivo* dá margem para que analisemos o enunciado “Nosso corpo nos pertence”. O trajeto temático, entre 1970 e 2013, faz irromper um efeito de memória na atualidade dos dois acontecimentos. Nessa esteira, “a análise de um trajeto temático remete ao conhecimento de tradições retóricas, de formas de escrita, de usos da linguagem, mas, sobretudo, interessa-se pelo *novo no interior da repetição*” (grifo nosso) (GUILHAUMOU e MALDIDIER, 1994, p. 166).

Falamos de trajeto temático na questão do corpo da mulher para definir o conjunto de (re)configurações textuais que, de um acontecimento a outro, associam o corpo da mulher, a linguagem e marcação pronominal nos dois acontecimentos, e as discursividades (machistas) que também se apresentam no enunciado. Na formulação linguística, resgatamos a espessura histórica e a *memória discursiva*. Esta consiste no ponto de encontro entre os diferentes *dizeres sobre* o corpo da mulher, *in absentia*, numa linha vertical (interdiscurso) e o que efetivamente foi dito, numa linha horizontal (intradiscurso), *in praesentia*. Assim,

Os objetos que chamamos “enunciados”, na formação dos quais se constitui o saber próprio de uma FD, existem no *tempo longo de uma memória*, ao passo que as “formulações” são tomadas no *tempo curto da atualidade de uma enunciação*. É então, exatamente, a relação entre interdiscurso e intradiscurso que se representa neste particular efeito discursivo, por ocasião do qual uma formulação-origem retorna na atualidade de uma “conjuntura discursiva”, e que designamos como efeito de memória. (COURTINE, 2009, p. 106).

A partir da observação dos enunciados, *efeitos de memória* (COURTINE, 2009) são apreendidos no eixo da formulação. Há, nesse

sentido, um “campo associado”⁴ que repete, refuta e transforma os enunciados, conforme trabalhamos com Foucault (2012, p. 119). Essa propriedade do *enunciado* traz à baila a presença de outra Formação Discursiva no interior desse acontecimento discursivo.

Quando dizemos *nosso corpo nos pertence*, pomos em virtualidade a questão de que, em algum momento, os *dizeres sobre* o corpo da mulher pertenciam não a “nós”, de forma inclusiva. (Se assim não o fosse, não havia necessidade de emergir tal enunciado). Contudo, o *outro* era a autoridade que tinha o direito de dizer sobre o corpo da mulher. Esse *outro* é quem dita a ordem: quem decide, quem regulamenta, quem oprime, quem vigia, quem pune, enfim, quem exerce o poder sobre o corpo da mulher. O grito contra essa opressão se imprime no corpo. Quem, a partir, de então, teria o poder de decidir sobre seu próprio corpo eram as próprias mulheres. Seus corpos passam a serem “então concebidos como um lugar privilegiado de refúgio e resistência aos poderes opressores”. (SARGENTINI e PIOVEZANI, 2009, p. 12-13).

Quando as feministas refutam essa “tirania” sobre seus corpos, nos deparamos com uma continuidade discursiva que se revela como um denominador comum entre os dois acontecimentos. Por outro lado, a subjetividade é marcada distintamente entre ambos. As relações de poder, então, sofrem uma transformação e, daí, dizer que o linguístico se permuta: dos pronomes possessivos, plurais e totalizantes “nosso\nos” para o individualizante e singular “meu\me”. As (des)continuidades discursivas produzidas de um enunciado ao outro ressoam em outros domínios. A partir da observação das duas imagens abaixo, podemos refletir sobre o referencial enunciativo.

Com efeito, Courtine (2009), ao mobilizar a noção de referencial enunciativo, conforme proposta em *A Arqueologia do saber* (1986, p.

⁴ Segundo Foucault (1986, p. 113-114), “qualquer enunciado se encontra assim especificado: não há enunciado em geral, livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, nele se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo [...]”.

120-121), citará que tal referencial “forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado”.

Na década de 70, Leila Diniz exibe sua maternidade na praia, vestindo um biquíni – comportamento, para a época, considerado como um “escândalo”. Quarenta anos mais tarde, a atriz Betty Faria recebe críticas por exibir sua idade – muito acima do “permitido” a ser visto *publicamente* – vestindo um biquíni. O corpo das duas mulheres discursivizam por eles mesmos e põe em circulação um *efeito de memória* do enunciado: “Nosso\meu corpo nos\me pertence”.



Figura 2 – “Leila Diniz, em 1971, e Betty Faria, em 2013”¹

A referencialidade do enunciado, em um gesto de leitura, relaciona-se com a possibilidade de emergência desses dois enunciados, marcados diferentemente em suas subjetividades, em seus pronomes. Não se trata aqui de vincular a imagem com o enunciado linguístico, colocando-o em pé de igualdade, mas, sobretudo, ao analisarmos o “campo de emergência” dessas imagens, nos memorizaremos do corpo como atravessado pela história, pelos discursos.

Portanto, como reforça Courtine (2011b, p. 159), “a imagem não obedece absolutamente a um modelo de língua”. A proposição da noção de intericonicidade entre imagens externas leva-nos a considerar essa rede de formulações dizíveis:

A intericonicidade supõe, portanto, dar um tratamento discursivo às imagens, supõe

considerar as relações entre imagens que produzem os sentidos: imagens exteriores ao sujeito, como quando uma imagem pode ser inscrita em uma série de imagens, uma arqueologia, de modo semelhante ao enunciado em uma rede de formulações, em Foucault. (COURTINE, 2011b, p. 160).

As duas imagens pode ser inscritas em uma série, cujos gestos são muitos semelhantes: a praia, o uso do biquíni, o gesto que evidencia segurança e espontaneidade. Inseridas na densidade histórica, as imagens que são atravessadas e constituídas por um discurso, sofrem “interdição”. Com efeito, as duas atrizes, em diferentes épocas, receberam diversas críticas por não entrarem na *ordem do discurso*. Houve, nesse sentido, por parte dos espectadores, o que Davallon (2010, p. 31) denominou de “acordo de olhares”. Segundo o autor: “tudo se passa então como se a imagem colocasse no horizonte de sua percepção a presença de outros espectadores possíveis tendo o mesmo ponto de vista”.

O “acordo de olhares” entre os leitores das duas imagens, tanto de Leila Diniz quanto de Betty Faria conferiu a interdição, o “escândalo” e a reprovação do “espectador concreto que é convidado a vir ocupar a fim de poder dar sentido ao que ele tem sob os olhos” (DAVALLON, 2010, p. 31).

Assim, no intercâmbio entre as duas temporalidades – anos 70 e o ano de 2013 – o corpo, sendo ele mesmo o discurso entra nessa rede enunciativa. De um lado, a maternidade, de outro a idade da mulher – ambas atuando como um enfrentamento a um discurso assentado em uma determinada posição social, histórica e discursiva.

A maternidade como ícone de uma totalização, de um plural, de um “nosso” carregado de uma ruptura discursiva do que até então era o “certo”, o “politicamente correto”, isto é, não mostrar a gestação em público. A maternidade era, pois, um procedimento discursivo de exclusão: o corpo de gestante como um tabu do objeto que não pode ser exibido em um lugar público, com trajes menores.

Em 2013, o tabu do objeto é o corpo idoso que, numa rede intericônica, sofre outros (des)contínuos procedimentos de exclusão do discurso. O sujeito (mulher gestante e mulher idosa) não teria, portanto, o direito de dizer com o seu corpo, *abertamente*, sobre a maternidade e a “melhor idade”.

A posição sujeito, uma das características do enunciado, é concebida como uma “relação determinada que se estabelece em uma formulação entre um sujeito enunciatador e o sujeito do saber⁵ de uma dada Formação Discursiva. Essa relação é uma relação de identificação cujas modalidades variam, produzindo diferentes efeitos-sujeito no discurso”. (COURTINE, 2009, p. 88).

Os efeitos-sujeitos dão licença para compreendermos que sujeitos universais de distintas Formações Discursivas entram em confronto. Os corpos das mulheres imprimem uma refutação aos sujeitos que dizem “todos sabem ou veem que” a elas não é permitido discursivizarem seus corpos *desse modo* – seja em relação à maternidade, à melhor idade, às interdições do aborto, etc..

A deriva operada por esses diferentes efeitos-sujeito no discurso nas duas imagens, bem como nos enunciados linguísticos do movimento feminista de ontem e de hoje (nosso corpo nos pertence!) marcam a quarta propriedade do enunciado. A existência material quer dizer que “a enunciação é um acontecimento que não se repete. Ela tem uma singularidade situada e datada que não se pode reduzir” (FOUCAULT, 1986 *apud* COURTINE, 2009, p. 91). Isso se dá em função de que há um tempo, um lugar, um sujeito que realiza a enunciação.

⁵ Esse sujeito do saber de uma dada FD é “o lugar do sujeito universal próprio a uma determinada FD, a instância de onde se pode enunciar ‘todos sabem ou veem que’ para todo sujeito enunciatador vindo situar-se num lugar determinado, inscrito nessa FD, por ocasião de uma formulação. Assim, é o ponto onde se ancora a estabilidade referencial dos elementos de um saber. Esse lugar, então, só é vazio na apareência: ele é preenchido de fato pelo sujeito do saber próprio a uma FD e existe na identificação pela qual os sujeitos enunciatadores vêm encontrar nela os elementos de saber (enunciados) pré-construídos de que eles se apropriam como objetos de seu discurso”. (COURTINE, 2009, p. 87-8).

Nesse sentido, ainda que haja uma formulação/enunciado *repetível* entre os dois acontecimentos (enunciações), estes, por serem, historicamente situados e singulares, são da ordem do *irrepetível*:

a oposição enunciado/enunciação permite aqui pensar o discurso na unidade e na diversidade, na coerência e na dispersão, na repetição e na variação (COURTINE, 2009, p. 91).

Considerações finais

O corpo impresso na história e a história impressa no corpo (COURTINE, 2011a): esse foi nosso ponto de partida para a análise de alguns enunciados que circulam na sociedade. E não é de hoje. A História se constrói nessa relação de regularidades e dispersão dos discursos, estes “devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem” (FOUCAULT, 2011, p. 53).

O corpo, então, nas análises feitas neste artigo, discursivizam uma série de interdiscursos. Não só na materialidade linguística, mas também, segundo nos ensina a Semiologia Histórica, na materialidade das imagens que têm densidade discursiva. Tanto é assim que, em uma rede intericônica, elas entram em descontinuidades, sofrendo procedimentos de exclusão, de interdição e de autoridade de quem pode *dizer sobre*.

Referências

COURTINE, J.J. **Análise do discurso político**. O discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: Edufscar, 2009.

_____. **Déchiffrer le corps: penser avec Foucault**. Jérôme Millon, 2011a.

_____. Discurso e imagens: para uma arqueologia do imaginário. In. SARGENTINI, V. et al. **Discurso, Semiologia e História**. São Carlos: Claraluz, 2011b.

DAVALLON, J. A imagem, uma arte de memória ? In. : ACHARD, P. et al. **Papel da Memória**. Campinas : Pontes, 2010.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 21 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

_____. O sujeito e o poder. In.: Rabinow, P. & Dreyfus, H. **Michel Foucault**. Uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. **A arqueologia do saber**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

GUILHAUMOU, J e MALDIDIER, D. Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da História. In: ORLANDI (org.) **Gestos de Leitura: da História no Discurso**. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1994. (Language, 81, 1986).

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In. : ACHARD, P. et al. **Papel da Memória**. Campinas : Pontes, 2010.

_____. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 6. ed. Campinas: Pontes, 2012.

_____. A AD: três épocas. In.: GADET, F. e HAK, F. (org). **Por uma análise automática do discurso**. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Pontes, 1990.

SARGENTINI, V. e PIOVEZANI, C Políticas de sentido, práticas da expressão e história do corpo. Uma apresentação da obras de Jean Jacques Courtine ao leitor brasileiro. In.: COURTINE, J.J. **Análise do discurso político**. O discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos : Edufscar, 2009.

*Recebido em: 12 de outubro de 2013
Aceito em: 05 de dezembro de 2013.*